

IMPACTO DA REVELAÇÃO DA HOMOSSEXUALIDADE NA FAMÍLIA: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA

Impact of the disclosure of homosexuality on the family: integrative literature review

Impacto de la divulgación de homosexualidad en la familia: revisión integrativa de la literatura

Dora Machado*, Manuel Brás**, Assunção Almeida***, Rui Cordeiro****

RESUMO

Enquadramento: a diversidade da sexualidade humana tem suscitado alterações na sociedade. Contudo, a homossexualidade continua a encerrar em si um tabu social, gerando diferentes respostas nas famílias. **Objetivos:** Analisar o impacto causado pela revelação da homossexualidade do indivíduo na sua família heterossexual de origem. **Metodologia:** trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de acordo com a metodologia PICO, cuja colheita de dados foi realizada em maio de 2020, nas bases de dados SciELO, RCAAP, Cochrane Library, LILACS, PubMed, IBECs e NCBI. **Resultados:** a análise dos 5 artigos incluídos no estudo permitiu abordar o impacto da revelação da orientação sexual em diferentes contextos: familiar e laboral/social, permitindo identificar questões associadas ao processo de *coming out*. **Conclusão:** a decisão, dos jovens, em revelar a orientação sexual à família prende-se a questões de funcionalidade familiar. As respostas da mesma variam desde a aceitação até à expulsão/saída de casa, com passagem por situações de violência verbal e física. Face à possibilidade de reação negativa, por parte dos pais, é essencial que se formem os profissionais de saúde para promoverem ambientes capazes de reduzir comportamentos/respostas negativas. É também importante normalizar as diferentes orientações sexuais, nomeadamente nas escolas, para prevenir situações de discriminação.

Palavras-chave: revelação; homossexualidade; relações familiares

ABSTRACT

Background: the diversity of human sexuality has caused changes in society. However, homosexuality continues to contain a social taboo within itself, generating different responses in families. **Objectives:** to analyze the impact caused by the disclosure of an individual's homosexuality on their heterosexual family of origin. **Methodology:** this is an integrative literature review, according to the PICO methodology, whose data collection was carried out in May 2020, in the SciELO, RCAAP, Cochrane Library, LILACS, PubMed, IBECs and NCBI databases. **Results:** the analysis of the 5 articles included in the study allowed us to approach the impact of the disclosure of sexual orientation in different contexts: family and work/social, allowing the identification of issues associated with the coming out process. **Conclusions:** the young people's decision to reveal their sexual orientation to the family is linked to issues of family functionality. Her answers range from acceptance to expulsion/leaving the house, including situations of verbal and physical violence. Given the possibility of a negative reaction from parents, it is essential that health professionals are trained to promote environments capable of reducing negative behaviours/responses. It is also important to normalize different sexual orientations, particularly in schools, to prevent discrimination.

Keywords: disclosure; homosexuality; family relations

RESUMEN

Marco contextual: la diversidad de la sexualidad humana ha provocado cambios en la sociedad. Sin embargo, la homosexualidad sigue siendo un tabú social, generando diferentes respuestas en las familias. **Objetivos:** analizar el impacto que tiene la revelación de la homosexualidad de un individuo en su familia heterosexual de origen. **Metodología:** revisión integrativa de la literatura, según la metodología PICO, recolección de datos realizada en mayo de 2020, en las bases de datos SciELO, RCAAP, Cochrane Library, LILACS, PubMed, IBECs y NCBI. **Resultados:** el análisis de los 5 artículos permitió abordar el impacto de la revelación de la orientación sexual en el contexto familiar y laboral/social, lo que nos permitió identificar problemas asociados con el proceso de revelación. **Conclusión:** la decisión de los jóvenes de revelar su orientación sexual a la familia está ligada a cuestiones de funcionalidad familiar. Sus respuestas van desde la aceptación hasta la expulsión/salida de casa, pasando por situaciones de violencia verbal y física. Ante la posibilidad de una reacción negativa de los padres, es fundamental que los profesionales de la salud estén capacitados para promover entornos capaces de reducir las conductas/respuestas negativas. También es importante normalizar las diferentes orientaciones sexuales, especialmente en las escuelas, para prevenir situaciones de discriminación.

Palabras clave: revelación; homosexualidad; relaciones familiares

*MSc, ACeS Grande Porto III, Maia/Valongo - <https://orcid.org/0000-0001-8135-7201> - Author contribution: study conception and design, data collection, data analysis and interpretation, drafting of the article
 **PhD, Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Saúde de Bragança <https://orcid.org/0000-0001-5540-3139>
 - Author contribution: data analysis and interpretation, critical revision of the article
 *** PhD, Escola Superior de Saúde de Aveiro - <https://orcid.org/0000-0003-4021-5949> - Author contribution: data analysis and interpretation, critical revision of the article
 ****MSc, ULS Matosinhos - <https://orcid.org/0000-0002-0672-1744> - Author contribution: study conception and design, data analysis and interpretation

Autor de correspondência:
 Dora Machado
 E-mail: dora.ribeiromachado@gmail.com

Como referenciar:
 Machado, D., Brás, M., Almeida, A. & Cordeiro, R. (2022). Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura. *Revista de Investigação & Inovação em Saúde*, 5(1), 139-154.
 doi:10.37914/riis.v5i1.153

Recebido para publicação: 30/06/2021
 Aceite para publicação: 28/02/2022

INTRODUÇÃO

Até finais do séc. XIX a homossexualidade era condenada (Frazão & Rosário, 2008) e as pressões sociais e cívicas para que a visão da mesma enquanto doença mental terminasse só surtiram efeito em 1980, quando foi oficialmente removida das parafilias (Corrigan & Matthews, 2003). Não obstante, o preconceito mantém-se enraizado na cultura dos terapeutas e nas sociedades em geral, compatível com atitudes discriminatórias, tornando difícil ao homossexual assumir a sua identidade sexual (Frazão & Rosário, 2008; Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

Além disso, com frequência, o processo de revelação, reflete-se em situações de crise familiar e os progenitores, por vezes, adotam atitudes negativas face à homossexualidade, que variam entre a preocupação com o futuro e bem-estar dos filhos, até à expulsão de casa (Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016; Frazão & Rosário, 2008; Perucchi, Brandão & Vieira, 2014).

É reconhecido, contudo, que a discriminação destes indivíduos, além de não cumprir as obrigações estabelecidas na Declaração dos Direitos do Homem, também conduz a desvantagens financeiras e a sofrimento emocional (Short, Riggs & Perlesz, 2007).

Posto isto, a intervenção do Enfermeiro de Família, no processo de revelação, pode ser crucial para diminuir a desestruturação familiar e episódios de violência.

Face ao explanado, no presente estudo o objetivo principal é analisar o impacto causado pela revelação da homossexualidade do indivíduo na sua família heterossexual de origem. Tendo-se definido como questão de investigação: “Em indivíduos homossexuais, qual o impacto nas relações familiares

da revelação da orientação sexual?”, abordando a homossexualidade e o tabu a ela inerente, o processo de revelação, também denominado de *coming out*, e a homossexualidade na família. Para o efeito realizou-se uma Revisão Integrativa da Literatura.

ENQUADRAMENTO/ FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO

Só na segunda metade do século XIX surge o termo homossexualidade, que se refere “(...) ao envolvimento durável emocional, amoroso e/ou atração sexual por homens, mulheres ou por ambos os sexos”, não significando a consumação do ato – comportamento homossexual (APA citado por Oliveira, 2010, p. 19-20). Remonta ao início da própria humanidade, mas a forma como as sociedades a encaram distingue-se em três grandes perspetivas: (i) culturas com ausência de descritores para descrever relações entre pessoas do mesmo sexo; (ii) culturas que encaram a homossexualidade de forma positiva; e (iii) culturas dominantes, onde está patente um discurso negativo em relação à homossexualidade (Trippe, 1975, citado por Frazão & Rosário, 2008; Rojas, 2019). Até finais do séc XIX era condenada social, moral e legalmente (Frazão & Rosário, 2008; Gonçalves, 2019) e só em 1869 foi introduzido o termo “homossexual” na literatura científica (Cascais, Naphy & Pérez-Sancho citado por Frazão & Rosário, 2008; Gonçalves, 2019). Surgiram estudos psiquiátricos que procuravam explicar a homossexualidade como uma desordem, desenvolvendo a perspetiva de que era uma doença mental (Frazão & Rosário, 2008; Faro, 2015; Gonçalves, 2019). Magnus Hirschfeld, sexólogo alemão homossexual, defendia um hermafroditismo psíquico apelando ao fim da perseguição social e legal dos homossexuais (Cascais, 2017). Egas Moniz contribui

para o estudo da homossexualidade em Portugal, ao considerar que a mesma era condicionada por um conjunto de fatores educacionais, sociais e hereditários, enfatizando os fatores do meio (Toledo & Vimieiro, 2018). No campo da biologia a homossexualidade era explicada com recurso à genética e aos níveis das hormonas sexuais durante o desenvolvimento pré-natal. Chegou a abordar-se a existência de um marcador genético para a homossexualidade, mas estes estudos não foram replicados (Pérez-Sancho citado por Frazão & Rosário, 2008). Sigmund Freud iniciou-se nas formulações da homossexualidade pela psicanálise, referindo que os homossexuais masculinos apresentavam “(...) questões não resolvidas ao nível do complexo de Édipo (...)” e que a homossexualidade feminina “(...) estaria ligada a uma fixação infantil à mãe e uma fortíssima decepção em relação ao pai, aliando-se a isto um complexo de virilidade”. Não obstante, defendeu sempre a não perseguição do indivíduo pela sua orientação sexual (Frazão & Rosário, 2008, p. 28). Atualmente, os neo-freudianos mantêm esta visão, defendendo que os homossexuais são indivíduos emocionalmente imaturos e impulsivos, incapazes de estabelecer relações adultas. Sabe-se que as teorias psicológicas sobre a homossexualidade “(...) estão repletas de problemas epistemológicos, (...) [centrando-se] em modelos de causalidade única dificilmente sustentáveis (...) [e que] carecem de fundamentação empírica”, pelo que, à semelhança do que se passa nas teorias biológicas, não existe nenhuma teoria psicológica explicativa da homossexualidade (Frazão & Rosário, 2008, p. 29). Brandão (2000) alerta para o facto de não ser essencial descobrir causas para a

homossexualidade, mas sim enquadrar a mesma na diversidade da sexualidade humana.

As pressões sociais e cívicas, lideradas pelo movimento político gay, para que a visão da homossexualidade, enquanto doença mental, terminasse surtiram resultado em 1973, quando a American Psychiatric Association deixou de a considerar doença. Seguiu-se a American Psychological Association em 1975, mas apenas em 1980 foi oficialmente removida das parafilias (Corrigan & Matthews, 2003; Gonçalves, 2019). Em 1993 foi removida da Classificação Internacional das Doenças, significando uma tolerância por parte da sociedade em relação à homossexualidade (Arán Corrêa, 2004; Gonçalves, 2019). Apesar disso, o preconceito mantém-se enraizado na cultura dos terapeutas, pelo que se torna difícil para um homossexual “(...) assumir a sua identidade sexual perante si mesmo, perante a família ou perante a sociedade” (Frazão & Rosário, 2008, p. 30).

A revelação da identidade homossexual, conhecida como *coming out*, tem dado origem a diversas formulações. No geral define-se como o “(...) processo da revelação da orientação sexual (...)” (Nascimento & Comin, 2018, p. 1529), encerrando “(...) uma componente pessoal, mas que é integrada numa dimensão social mais vasta”, iniciando-se na adolescência. Existem vários modelos explicativos do *coming out* de onde se destacam dois clássicos: (i) modelo desenvolvimentista de Cass, que propõe um sistema de seis estádios explicativos para o *coming out*: confusão da identidade, comparação da identidade, tolerância da identidade, aceitação da identidade, orgulho da identidade e síntese da identidade; e (ii) o modelo de Coleman, que divide o processo em 5 estádios: pré *coming out*, *coming out*, exploração,

primeiras relações e integração (Frazão & Rosário, 2008, p. 30). Muitos “(...) adolescentes e jovens adultos decidem revelar a sua identidade sexual aos amigos, à família e à sociedade” (Frazão & Rosário, 2008, p. 33). No entanto, algumas vezes, são vítimas de agressões verbais e físicas por parte dos seus pares (Hernández & Torres, 2005), pelo que, neste processo podem surgir problemas comportamentais e emocionais, nomeadamente, depressão, tentativas de suicídio, fobias, abuso de substâncias, fugas de casa ou promiscuidade sexual (Cianciotto & Cahill, 2003; Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016). Os motivos que levam o homossexual a revelar a sua identidade sexual à família são diversos, podendo agrupar-se em seis categorias defendidas por Myers (1982, citado por Frazão & Rosário, 2008): (i) *movimentos de libertação gay*; (ii) o tormento emocional que a vida dupla gera; (iii) o processo de formação da identidade homossexual encaminha para a autoaceitação; (iv) a existência de um processo psicoterapêutico, que promove a honestidade da relação consigo e família; (v) o desenvolvimento de uma relação amorosa; e (vi) a existência de motivos destrutivos onde a revelação pode ser utilizada como ato de rebeldia e confrontação.

Não é consensual o efeito que o *coming out* tem na saúde mental do indivíduo (Cianciotto & Cahill, 2003), no entanto estudos apontam para que crie uma maior facilidade de expressão, levando ao enriquecimento.

Na última década temos assistido a mudanças legislativas significativas, um pouco por todo o mundo, que reconhecem as relações familiares dos homossexuais. A discriminação destes indivíduos, além de não cumprir as obrigações estabelecidas na Declaração dos Direitos do Homem, também conduz a

desvantagens financeiras e a sofrimento emocional (Short, Riggs & Perlesz, 2007).

Sabe-se que, na sua maioria, os homossexuais nascem de pais heterossexuais, onde o *coming out* se relaciona, com frequência, a situações de crise familiar e os progenitores, por vezes, adotam atitudes negativas face à homossexualidade, que variam entre a preocupação com o futuro e bem-estar dos filhos, até à expulsão de casa (Frazão & Rosário, 2008; Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016; Perucchi, Brandão & Vieira, 2014; Rodríguez-Bustamante et al., 2019;). Estudos indicam que (i) cerca de 79% dos jovens de minorias sexuais revelam a sua orientação sexual a pelo menos um dos pais; (ii) um terço dos jovens que decidem revelar a sua homossexualidade experimentam a aceitação por parte dos seus pais, outro terço experimenta a rejeição e os restantes optam por não divulgar a sua orientação sexual; (iii) e outro concluiu que os jovens que optaram pela revelação sofreram mais vitimização verbal por parte dos pais, mas também mais apoio familiar e, por conseguinte, menos medo da vitimização parental futura (Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016). É também comum as famílias procurarem formular explicações para a homossexualidade dos seus membros, que “(...) assentam na culpabilização de uma pessoa ou de acontecimentos da infância” e estão associados a estas ideias sentimentos de vergonha que passam pelo “(...) receio de que a sociedade considere que a homossexualidade do seu filho seja fruto de uma parentalidade inadequada” (Frazão & Rosário, 2008, p. 35). Além disso, também são frequentes os sentimentos de perda, em relação à parentalidade e casamento como idealização de futuro para o(a) filho(a). É, por isto, habitual o afastamento emocional

entre pais e filhos “(...) motivado pela dissonância que os pais sentem entre as mensagens homofóbicas que interiorizaram da sociedade e o seu amor pelos filhos” (Frazão & Rosário, 2008, p. 35).

O processo de *coming out* está relacionado com os valores no qual o sistema familiar assenta, onde famílias mais tradicionais tendem a aceitar menos a orientação sexual das minorias, quando comparadas a famílias menos tradicionais. Além disso, as respostas também parecem variar em função da raça/etnia, níveis culturais e estatuto socioeconómico (Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016). Não obstante, algumas famílias, assim que a crise inicial cessa, tendem a ser mais aceitantes (Cianciotto & Cahill, 2003). Existem fatores facilitadores do ajustamento familiar ao processo de revelação, nomeadamente a prévia existência de uma relação positiva entre pais e filhos, o contacto positivo com a comunidade homossexual, a participação em reuniões com pais de homossexuais e em programas educativos sobre questões de identidade sexual (Frazão & Rosário, 2008). Tal como já referido, a resposta familiar implica no desenvolvimento da identidade dos jovens, onde uma menor rejeição parental está ligada a uma maior probabilidade do indivíduo afirmar a sua identidade, pelo que a rejeição pode afetar esta capacidade. Por outro lado, a aceitação familiar associa-se a uma maior autoestima, menor depressão e menos comportamentos suicidas (Katz-Wise, Rosario, & Tsappis, 2016).

O tabu patente na homossexualidade poderá estar associado à homofobia, que se revela sobre diversas formas, desde o heterossexismo, onde é manifestada a homofobia nas instituições sociais a partir de discursos e retóricas sobre moralidade, género e tradição, a

atitudes preconceituosas manifestadas em violência verbal e física. Na saúde a homofobia é também frequente, onde um estudo revelou que 89% dos profissionais de saúde manifestavam reações negativas na presença de um utente homossexual (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012). Em suma, prevalece nas sociedades em geral uma heteronormatividade, compatível com a discriminação que homossexuais, bissexuais e transexuais verbalizam (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010). A discriminação está patente nas escolas, nas instituições sociais e nas famílias tornando difícil o processo de *coming out* dos indivíduos homossexuais (Perucchi, Brandão & Vieira, 2014; Rojas, 2019).

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo optou-se por se recorrer a uma revisão integrativa da literatura (RIL) nacional e internacional.

Formulou-se uma questão norteadora do estudo, com base no método PICO, de onde resultou: Em indivíduos homossexuais (P), qual o impacto nas relações familiares (O) da revelação da orientação sexual? (Face ao estudo vigente, o C e o I não são aplicáveis).

Para realização da pesquisa definiram-se descritores validados na DeCS, em português e em inglês. Nas bases de dados portuguesas a frase booleana utilizada foi “(revelação OR coming out) AND (Homossexualidade OR orientação sexual) AND Relações Familiares”. Nas bases de dados estrangeiras optou-se pelo mesmo processo, tendo resultado “(Disclosure OR coming out) AND (Homosexuality OR sexual orientation) AND Family Relationships”. Foram definidos como critérios de inclusão: artigos publicados e indexados nas bases de dados científicas, entre

Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura

janeiro de 2015 e abril de 2020; acesso integral ao documento; artigos referentes a estudos quantitativos/qualitativos que retratassem a temática pertinente ao objetivo do trabalho e que respondessem à questão orientadora; artigos em português, inglês e espanhol. E como critérios de exclusão: artigos quantitativos/qualitativos que não abordassem a temática; artigos que não respondessem à questão orientadora e se distanciassem do tema; artigos de RIL,

dissertações de mestrado ou teses de doutoramento.

Foram utilizadas as bases de dados: SciELO, RCAAP, Cochrane Library, LILACS, PubMed, IBECs e NCBI.

A 19 de Maio de 2020, após a introdução nas bases de dados dos descritores conjugados, foram encontrados 352 artigos. Após leitura dos títulos e, quando não suficiente, dos resumos ou da totalidade do artigo, por dois revisores individualmente, restaram 5 artigos que se enquadraram na temática em estudo.

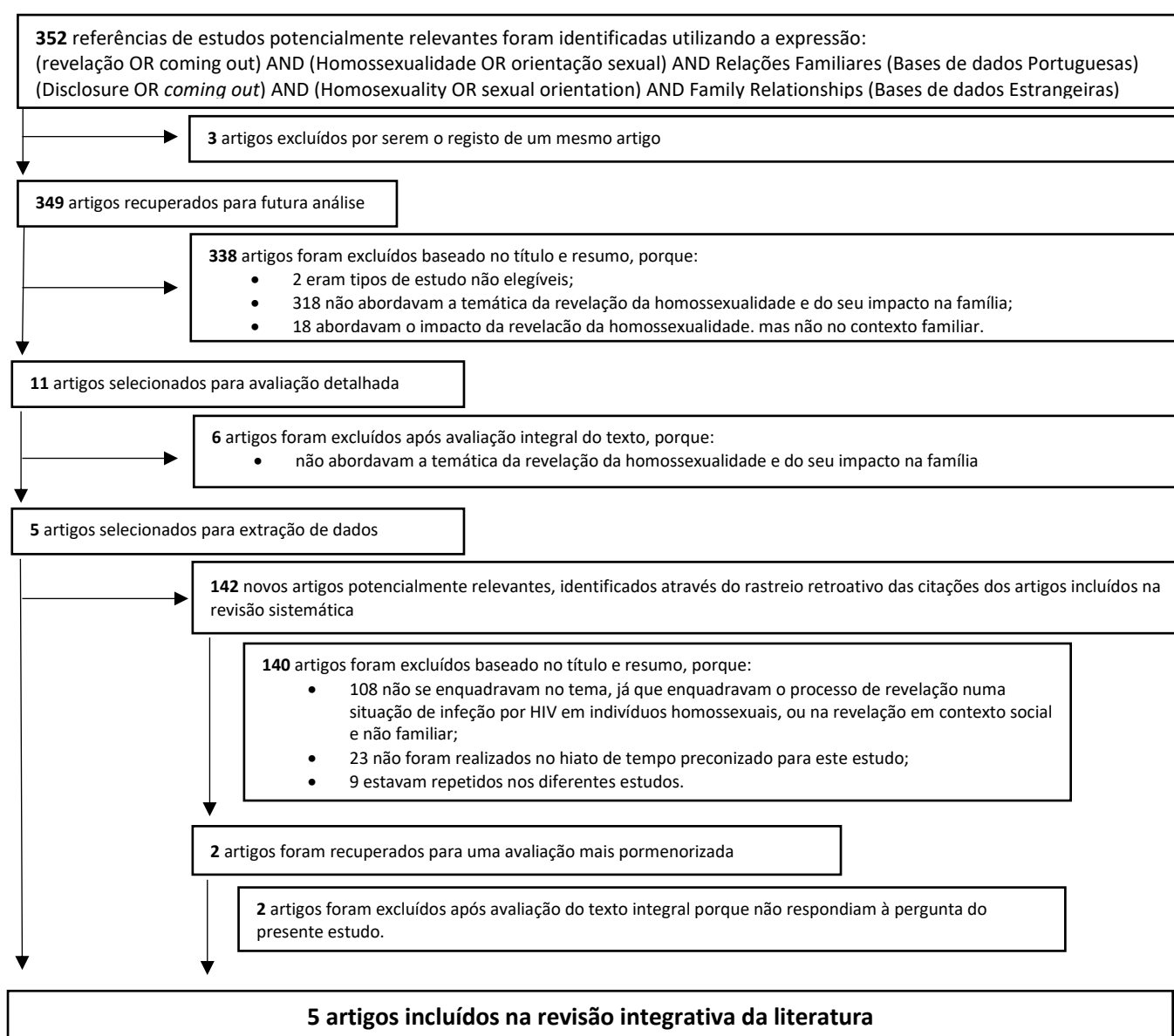


Figura 1

Fluxograma do processo de seleção

Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura

Foi realizada uma análise da qualidade dos estudos consoante tabela 1. selecionados e atribuído um código (E1, E2, E3, E4, E5),

Tabela 1

Análise preliminar dos estudos

Estudo	NP	Tipo de estudo	Método de recolha de dados	Ferramentas utilizadas para colheita de dados	Saturação dos dados	País de origem do estudo
E1 - Costa, Machado & Wagner, 2015	4	Qualitativo, exploratório descritivo	Entrevistas	Entrevista semiestruturada com questões norteadoras	Atingido	Brasil
E2 - Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017	6	Qualitativo, exploratório transversal	Entrevistas + formulários sociodemográficos	Entrevista semiestruturada	Atingido	Brasil
E3 - Feinstein, Thomann, Coventry, Macapagal, Mustanski & Newcomb, 2018	52	Qualitativo	Questionários	Questionário online	Atingido	EUA
E4 - Grafsky, Hickey, Nguyen & Wall, 2018	22	Qualitativo	Questionários + Entrevistas	Questionário demográfico e biográfico + Entrevista	Atingido	EUA (Cidade centro-oeste)
E5 - Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018	12	Qualitativo	Entrevistas	Entrevista semiestruturada	Atingido	Brasil

NP: número de participantes

Foram igualmente avaliados os objetivos incluídos em cada um desses estudos:

Tabela 2

Análise dos objetivos dos estudos

Estudo Objetivo

E1	Compreender as percepções do homossexual masculino sobre a sua orientação sexual e as possíveis repercussões da sua homossexualidade no contexto familiar e social onde vive.
E2	Percepção de três casais formados por mulheres sobre sua Rede de Apoio e o apoio recebido.
E3	Examinar as relações entre pais e adolescentes e as práticas parentais relacionados com o sexo e a datação na adolescência, na perspetiva dos gays/adolescentes bissexuais.
E4	Explorar os processos e experiências associados à revelação da orientação sexual aos irmãos e à família alargada.
E5	Analisar as experiências de adolescentes e jovens gays e lésbicas no processo de revelação da orientação sexual as suas famílias.

Definiram-se critérios de validade primários essenciais a toda a pesquisa qualitativa (credibilidade, autenticidade, criticidade e integridade) e secundários (explicitação, vivacidade, criatividade, meticulosidade, sensibilidade e congruência) que são mais flexíveis

(Patias & Hohendorff, 2019).

Foi realizada uma descrição exaustiva de cada medida que foi utilizada para a avaliação da qualidade dos artigos incluídos, com base na Critical Appraisal Skills Programme (CASP), consoante tabela 3.

Tabela 3

Avaliação dos artigos selecionados

Study/critério CASP	E1	E2	E3	E4	E5
Was there a clear statement of the aims of the research?	✓	✓	✓	✓	✓
Is a qualitative methodology appropriate?	✓	✓	✓	✓	✓
Was the research design appropriate to address the aims of the research?	✓	✓	✓	✓	✓
Was the recruitment strategy appropriate to the aims of the research?	ND	✓	✓	✓	✓
Was the data collected in a way that addressed the research issue?	✓	✓	ND	✓	✓
Has the relationship between the researcher and participants been adequately considered?	✓	✓	✓	✓	✓
Have ethical issues been taken into consideration?	✓	✓	✓	✓	✓
Was the data analysis sufficiently rigorous?	✓	✓	✓	✓	✓
Is there a clear statement of findings?	✓	✓	✓	✓	✓
How valuable is the research?	✓	✓	✓	✓	✓

ND – Não detalhado

Não foi possível determinar a adequação da estratégia de recrutamento para os objetivos da investigação, no artigo E1, nem se a forma de recolha de dados foi realizada com abordagem à questão da investigação no artigo E3.

RESULTADOS

Após a análise realizada foram selecionados 5 artigos: (i) um do ano 2015, (ii) um de 2017 e (iii) três de 2018. Todos os estudos selecionados são do tipo qualitativo exploratório descritivo, com recurso maioritário à entrevista, e onde se relatam a saturação dos dados obtidos pelos métodos de recolha. A participação nos estudos foi feita de forma voluntária e o recrutamento dos indivíduos foi realizada através de redes sociais e comunidades LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros) em três dos estudos (E2; E3; E4), método de conveniência num

deles (E1) e por técnica de bola de neve em outro (E5). Nos estudos a maioria dos participantes era do sexo masculino e adolescentes - de acordo com o critério preconizado em demografia e suportado pelo sistema legal português, onde as crianças estão na faixa etária dos 0 aos 14 anos de idade e os adolescentes entre os 15 e os 19 anos de idade (Carrilho, 2015). Não foi possível apurar, para todos os participantes dos estudos, a raça/etnia, a localização geográfica, o nível de escolaridade pessoal e da família de origem, nem a classe social na qual se enquadravam, pelo que não podem ser feitas caracterizações nestas áreas. Os estudos procuraram compreender qual a perceção dos indivíduos homossexuais, sobre o impacto que a sua orientação sexual causava na família. Os estudos selecionados sugeriram os resultados e conclusões que contam na tabela 4.

Tabela 4

Resultados e conclusões dos artigos selecionados

E1	Perceções do Homossexual Masculino: Sociedade, Família e Amizades.
Ano	2015
Área de investigação	Psicologia
Participantes	Quatro participantes homossexuais do sexo masculino e maiores de idade: um com 19 anos, um com 23, um com 25 e um com 31.

Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura

Resultados	Na percepção dos participantes, as pessoas mais próximas (família e amigos) aceitam mais facilmente a homossexualidade, pela proximidade afetiva que os vincula. No segmento profissional e no relacionamento com pessoas desconhecidas o preconceito contra a homossexualidade está presente, pelo que referem ser necessário esconder ou mesmo evitar revelar a orientação sexual para se protegerem da discriminação.
Conclusões	A sexualidade ainda é normalizada a partir da heterossexualidade, pelo que a sua aceitação, entre amigos e família, ocorre lentamente. A preocupação dos familiares associa-se a um possível sofrimento e preconceito que o indivíduo possa experienciar. Não obstante, existe uma evolução crescente, percebendo-se que cada vez mais famílias recebem a notícia sobre a homossexualidade de forma pacífica, flexível e acolhedora.
E2	Rede de Apoio social de famílias homoafetivas formadas por mulheres.
Ano	2017
Área de investigação	Psicologia
Participantes	Três casais, formados por mulheres, com idades compreendidas entre os 26 e os 48 anos.
Resultados	Percebeu-se uma satisfação com o apoio recebido. Verificaram-se semelhanças e diferenças entre os casais quanto ao apoio: (i) semelhanças - conflito familiar referente à revelação da orientação sexual; dificuldade de compreensão e aceitação por parte dos filhos adolescentes; abertura para falar sobre a orientação sexual no local de trabalho, apesar de dificuldades percebidas; e percepção positiva do apoio das relações de amizade e da parceira; (ii) diferenças - apoio da família de origem, da escola e do sistema de saúde. As relações entre famílias homoafetivas e profissionais de saúde podem ser insatisfatórias, motivadas pelo preconceito dos segundos, tornando-se num fator stressante e trazendo consequências importantes para a qualidade de vida dos sujeitos.
Conclusões	Existe um conflito familiar gerado pela revelação dos sentimentos e atração por pessoas do mesmo sexo/gênero. Destaca-se a dificuldade de aceitação da relação do casal por parte dos filhos adolescentes. No trabalho, os participantes não escondem o seu relacionamento. A religião emergiu, tanto como fonte de apoio, quanto de preconceito. Evidenciou-se também que, mais do que tamanho ou composição da Rede de Apoio, o que fez diferença para as mulheres foi a sua percepção sobre a rede e a satisfação ligada a ela.
E3	Gay and Bisexual Adolescent Boy's Perspectives on Parent- Adolescent Relationships and Parenting Practices Related to Teen Sex and Dating.
Ano	2018
Área de investigação	Antropossociologia e medicina
Participantes	52 jovens homossexuais/bissexuais do sexo masculino com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos.
Resultados	A maioria dos jovens sentiu que a sua orientação sexual influenciou as suas relações com os pais e discussões sobre sexo/namoro. Uma parte referiu que as suas relações melhoraram após a revelação, mas a maioria relatou que este processo gerava tensão nas relações familiares. Um maior número de participantes sentiu que ser gay/bissexual tinha uma influência negativa nas suas relações com os pais, descrevendo que eram tratados de forma diferente dos seus irmãos heterossexuais e, em alguns casos, relatando hostilidade explícita por parte dos pais. Adolescentes que não revelaram a sua orientação sexual aos pais, também expressaram que ser gay/bissexual provavelmente teria um impacto negativo na sua relação com os mesmos. Uma pequena parte dos participantes sentiu que as suas relações familiares melhoraram depois da revelação, tendo diminuído as discussões sobre sexo/namoro e alguns deles descreveram conversas positivas com os seus pais. Mais de metade dos adolescentes reconheceu que os seus pais monitorizaram o seu comportamento no namoro fazendo perguntas, estabelecendo regras, e algumas vezes monitorizando as redes sociais. Muitos relataram que os pais tiveram dificuldades para adaptar ou não as práticas parentais depois do processo de revelação. De referir que a maioria dos adolescentes relatou que ser gay/bissexual teve influência nas conversas com os pais sobre sexo e namoro, onde a preocupação central foi com o HIV/DST.

Impacto da revelação da homossexualidade na família: revisão integrativa da literatura

Conclusões	Referem implicações para o aperfeiçoamento dos programas de prevenção do HIV para os adolescentes gays/bissexuais, especialmente as intervenções que incluem os pais. Necessidade de sensibilização dos pais para potenciais diferenças na forma como tratam os jovens heterossexuais versus homo/bissexuais. Patente o pressuposto da heterossexualidade e uma falha de educação sexual escolar. A não revelação por parte de alguns adolescentes prendia-se com o receio de que a relação com os pais mudasse. A monitorização parental pode ser diferente consoante os pais aceitem ou não que o seu filho seja homossexual/bissexual. Pais que não aceitam, podem, por um lado, ser mais controladores, por forma a minimizar as interações do seu filho com potenciais amigos homossexuais/bissexuais ou parceiros românticos ou, por outro, não monitorizar o comportamento do seu filho no namoro, para evitar enfrentar o facto de que o seu filho é gay/bissexual. Os adolescentes expressaram o desejo de estarem mais próximos dos pais e de poderem falar sobre sexo/encontros, podendo significar a sua disposição para participar em programas de prevenção do HIV baseados na família, que devem incidir nas DST, nas competências de relacionamento saudável e no ensino aos pais sobre discussão/comunicação, com sensibilidade, sobre o comportamento sexual dos seus filhos. Podem ajudar pais que não aprovam a orientação sexual dos seus filhos, ao serem complementados com intervenções que forneçam apoio e informação para melhorar atitudes e comportamentos em relação a crianças homossexuais/bissexuais.
E4	Youth Disclosure of Sexual Orientation to Siblings and Extended Family
Ano	2018
Área de investigação	Psicologia
Participantes	22 jovens (12 homens e 10 mulheres) entre os 14 e os 21 anos de idade.
Resultados	Os participantes descreveram que as tias podem agir como moderadoras e mediadoras da relação pai-filho, num processo de revelação. Isto porque, apresentam uma perspetiva de terceiros, podendo aconselhar os jovens sobre a melhor forma de revelar aos pais e a outros membros da família a sua orientação sexual. As tias mantiveram distância emocional suficiente para serem independentes da família imediata, estando simultaneamente suficientemente envolvidas nas tradições familiares, rituais e narrações para compreenderem as circunstâncias familiares únicas. As tias influenciaram o contexto familiar mais amplo e contribuíram para uma sensação de coesão familiar contínua. Os jovens tinham maior probabilidade de revelar a sua orientação sexual pessoalmente aos pais e aos irmãos biológicos. Alguns participantes não transmitiram um sentimento de urgência em divulgar a sua orientação sexual aos membros da família alargada, outros consideraram que o impacto de revelar à mesma poderia influenciar a relação da família alargada com a sua família imediata. Além disso, a divulgação aos membros da família alargada podia ser cíclica, repetida e contínua, tornando a revelação num processo de anos, com conseqüente prolongamento de sentimentos de mal-estar e incongruência com a identidade. Os ganhos e riscos da divulgação variaram para diferentes membros da família alargada. Os dados sugerem que os jovens da amostra sentiam que havia mais em jogo na decisão de divulgar a sua orientação sexual aos avós, do que a outros membros da família alargada. A diferença de idades afetou a facilidade dos participantes em falar com os avós sobre sexualidade, bem como a sua perceção da necessidade de divulgação. Em situações em que o envelhecimento e as questões de saúde estão presentes, a juventude pode não querer revelar para proteger os avós dos desafios desnecessários que o processamento dessa informação pode representar. Também havia receio de preconceitos. Noutros casos, ter o apoio de um avô após a divulgação foi significativo.
Conclusões	O processo de revelação dos participantes não descarta a importância dos membros da família imediata ou alargada. A decisão de revelar não foi uma tarefa simples, para a maioria dos jovens, condicionada pela estrutura da família e das relações entre os membros da mesma. Os irmãos dos participantes eram capazes de proporcionar conforto e intimidade, contudo as tias diferiram dos irmãos na sua capacidade de orientar, mediar e servir tanto como internas como externas, no sistema familiar. Estas familiares são frequentemente vistas como sendo mais neutras, menos propensas a julgar e com menos responsabilidade para impor regras familiares do que os pais, pelo que os jovens podem sentir-se mais à vontade para lhes revelar a sua orientação sexual, criando oportunidades para as mesmas os orientarem no seu processo de decisão. O medo da rejeição por parte dos membros da família e a perceção da falta de compreensão e aceitação influenciaram frequentemente as decisões de divulgação dos jovens. Os irmãos e os membros da família alargada podem ser um recurso fundamental para os jovens no <i>coming out</i> , bem como, uma fonte de apoio social ao longo das suas vidas.
E5	Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo.
Ano	2018
Área de investigação	Enfermagem
Participantes	12 adolescentes/jovens gays e lésbicas, com idades entre 14 e 24 anos: <ul style="list-style-type: none"> • 3 jovens adultas lésbicas (uma com 18 anos e duas com 20); • 9 gays (um com 14 anos, um com 17, um com 18, dois com 19, um com 21, um com 20, um com 22 e um com 24).

Resultados	A negociação do <i>coming out</i> com a família, relaciona-se com o contexto sociocultural e histórico, onde a hegemonia da heterossexualidade é predominante e definidora do reconhecimento e prestígio social. No processo de desconfiança e investigação, acerca da sexualidade do seu filho, a família exige, direta ou indiretamente, que a pessoa homossexual se auto revele e, após a revelação, exige que o mesmo se auto anule. Muitas famílias, ao depararem-se com a dissidência da heterossexualidade dos seus membros, realizam uma série de punições, que vão desde ofensas verbais leves até violências físicas sérias, culminando muitas vezes na expulsão/saída da casa de origem ou na submissão às violências, explícitas ou subteis, potencializando a vulnerabilidade na qual estes adolescentes e jovens estão expostos. Estes factos geram impacto na sua saúde mental e qualidade de vida estando descritas situações de ideação, tentativa de suicídio, isolamento social e baixa autoestima.
Conclusões	Observaram-se reações familiares violentas, com perseguições, expulsão de casa e repressões das expressões das vivências homoeróticas, no processo de <i>coming out</i> dos adolescentes, impactando na sua saúde mental e qualidade de vida. De forma menos expressiva, houve situações de compreensão e acolhimento. A família é um importante componente da rede de apoio social, podendo potencializar a vulnerabilidade ou aumentar a resiliência, através do apoio social. A família reproduziu discursos e práticas heteronormativas, discriminando a orientação sexual dos jovens e procurando, por recurso à violência, recolocá-los dentro da norma heterossexual. É necessário construir-se uma agenda de pesquisas para uma melhor compreensão deste fenómeno e para o delineamento de políticas públicas capazes de sensibilizar profissionais e práticas de cuidado e atenção à família e ao adolescente/jovem vítima de violência.

DISCUSSÃO

Verificou-se que, com os descritores e critérios inclusos na presente RIL, não foi publicado nas bases consultadas nenhum artigo português, nem de população portuguesa, e que, entre 2019 e 19 de maio de 2020, tal facto estendeu-se para as restantes línguas consideradas. Factos que evidenciam a necessidade de mais estudos na área, defendido também nos artigos em análise, que fomentem um nível de descoberta superior e uma adequação de medidas sociais. As publicações foram coerentes com as áreas dos investigadores, pelo que duas foram disponibilizadas em revistas/jornais científicos da área da psicologia (revistas brasileiras E1 e E2), uma na área da antropossociologia e medicina (artigo Norte Americano E3), uma na área das ciências familiares mais voltadas para a psicologia (artigo Norte Americano E4) e uma na área de Enfermagem (revista Brasileira E5). Todos os estudos apresentaram amostras voluntárias e reduzidas, apesar de na totalidade referirem saturação de dados. Assim, pode inferir-se que, por um lado, os indivíduos em análise estariam mais preparados para o processo de *coming*

out, por estarem confortáveis em partilhar a sua orientação sexual com estranhos, por outro que existe possibilidade de se promoverem estudos dirigidos a indivíduos não representados nestas amostras. A maioria dos estudos repercutiu-se em adolescentes, nenhum abordou a perceção dos pais/restantes familiares e nenhum abordou as faixas etárias dos adultos acima dos 50 anos ou dos idosos. Aliás, foram encontrados alguns artigos que abordavam o processo de revelação no seio familiar de pessoas mais velhas, mas abordavam essencialmente os motivos que levavam a essa revelação e não o impacto que a mesma causava nas relações familiares, tal como percebido após leitura integral e/ou do resumo do artigo, pelo que não foram selecionados. Além disso, uma vez que os estudos selecionados eram qualitativos, não houve uma representatividade de amostra que permitisse generalizar resultados.

Os artigos em análise exploraram a revelação da orientação sexual em diferentes contextos: familiar (família nuclear e alargada) e laboral/social, permitindo identificar questões associadas ao *coming out*. Este processo, não ocorre, de acordo com três dos

estudos, tantas vezes quantas os indivíduos gostariam, por receio que a dissidência da heteronormatividade socialmente aceite cause alterações nas relações com a sua família (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018; Costa, Machado & Wagner, 2015; Feinstein et al., 2018). Esta crença numa normalidade implícita na heterossexualidade é também evidenciada nos trabalhos de Costa, Pereira, Oliveira e Nogueira (2010) e de Perucchi, Brandão e Vieira (2014), que serviram de base teórica para o presente estudo. Não obstante, alguns indivíduos manifestam o desejo de falar abertamente sobre a sua orientação sexual com os pais, tal como exposto no artigo de Feinstein et al. (2018). Um estudo referiu que, em algumas situações esta revelação era feita inicialmente às tias, por se apresentarem como membros da família bastante próximas e com conhecimento das suas regras, rituais e crenças, mas com distância emocional suficiente para serem independentes da família nuclear, permitindo influenciar o contexto familiar e contribuir para a coesão da família na situação da revelação. Por outro lado, os sentimentos de lealdade e proximidade, também imputavam nos indivíduos um sentido de dever para a questão da revelação com os irmãos, que se mostrava como uma ajuda no alívio das dificuldades emocionais implícitas no processo (Grafsky, Hickey, Nguyen & Wall, 2018). Nesse mesmo estudo percebeu-se que a decisão de revelação à família alargada não foi consensual, já que alguns participantes acreditavam que poderia causar um mal-estar cíclico durante um longo período. Contudo, o *coming out* aos avós, dada a proximidade, semelhante à relação pai-filho, manifestada por alguns dos indivíduos, gerava controvérsia, ligada à idade dos mesmos e riscos de saúde que a carga emocional desta

decisão abarcava e ao receio da discriminação por preconceito. Não obstante, em alguns casos em que era revelada a orientação sexual, os avós eram fonte de apoio significativo (Grafsky, Hickey, Nguyen & Wall, 2018).

A resposta da família nuclear, ao processo de *coming out*, foi díspar, na experiência dos participantes, e se houve as que lentamente aceitassem a homossexualidade e se preocupassem com o preconceito que poderia acossar o indivíduo, tentando protegê-lo (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018; Costa, Machado & Wagner, 2015; Feinstein et al., 2018; Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017), também houve as que geraram um conflito (Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017) marcado por tensão familiar, hostilidade explícita, dificuldade na aceitação da homossexualidade dos seus membros e diferenciação de tratamento de irmãos, tendo por base a sua orientação sexual (Feinstein et al., 2018; Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017). Vários autores (Frazão & Rosário, 2008; Katz-Wise, Rosario & Tsappis, 2016; Perucchi, Brandão & Vieira, 2014) na literatura abordaram estes processos de revelação marcados por atitudes negativas pela parte dos familiares. No processo de desconfiança sobre a orientação sexual de algum dos seus membros, existem famílias que exigem a revelação, para posteriormente, através de ofensas verbais e físicas, ordenarem a autoanulação do indivíduo homossexual. Não raras vezes, estas situações culminam na expulsão ou saída deliberada de casa, por parte dos indivíduos (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018). Também Henández e Torres (2005) e Frazão e Rosário (2008) referenciaram nos seus trabalhos as agressões verbais e físicas das quais

alguns homossexuais são vítimas no processo de revelação. Um dos estudos em análise (Braga, Oliveira, Silva, Mello & Silva, 2018), revelou que respostas negativas à revelação da homossexualidade geram um impacto na saúde mental dos indivíduos, tendo sido descritas situações de ideação, tentativa de suicídio, isolamento social e baixa autoestima, apontando para a necessidade da articulação do cuidado à saúde integral do indivíduo. No estudo de Feinstein et al. (2018), após a revelação, alguns participantes acreditavam que a monitorização dos seus relacionamentos, por parte dos pais, era superior à realizada antes do processo de *coming out*, outros que não era adaptada à realidade, outros em que o processo influenciou a conversa entre pais e filhos, que passou a ser mais voltada para as doenças sexualmente transmissíveis, e outros que sentiam que esta monitorização não ocorria para evitar enfrentar a realidade exposta pelos filhos. Um outro estudo analisado revelou que, em casais onde havia filhos adolescentes, provenientes de relações anteriores, houve uma dificuldade de aceitação, por parte dos filhos, da orientação sexual dos pais (Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017). Apesar destas diferenças, parece existir uma evolução crescente e positiva nas reações da família à homossexualidade dos seus membros, aceitando-o pacífica e acolhedoramente, tal como evidenciado no estudo de Costa, Machado & Wagner (2015). O círculo de amigos, talvez porque depende de uma escolha, foi percebido como fonte de apoio no processo de *coming out*, no estudo de Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski (2017).

No que concerne ao ambiente profissional as respostas também variaram. Alguns participantes revelaram a

necessidade de esconder a sua orientação sexual, para se protegerem de atitudes discriminatórias (Costa, Machado & Wagner, 2015), outros não demonstraram qualquer dificuldade em expressarem a sua orientação (Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017)

No estudo (Sanches, Pelissoli, Lomando & Levandowski, 2017) que aborda a perceção dos indivíduos no processo de revelação aos profissionais de saúde, não abona a favor dos profissionais, referindo que os sujeitos se sentem alvo de preconceitos, gerando situações stressantes que implicam na sua qualidade de vida. Aliás, tal facto é corroborado por um estudo levado a cabo por Poeschi, Venâncio e Costa (2012), onde está referido que 89% dos profissionais de saúde têm manifestações negativas perante o homossexual.

A religião também não foi consensual no apoio manifestado a este grupo, por se apresentar quer como apoio, quer como fonte de preconceito, segundo Sanches, Pelissoli, Lomando e Levandowski (2017).

CONCLUSÃO

A decisão de revelar a orientação sexual à família não é uma tarefa simples para os jovens, prendendo-se com aspetos ligados à sua estrutura e à forma como se dispõem as relações entre os membros.

O presente estudo procurou responder à questão norteadora “Qual o impacto da revelação da orientação sexual nas relações familiares de homossexuais?”, podendo concluir-se uma divergência de respostas que vão desde a aceitação, acolhimento e proteção contra discriminação de terceiros, com conseqüente estreitamento dos laços familiares, a atitudes de violência verbal e física, que culminam, algumas vezes, em expulsão/saída de casa

dos indivíduos e resultante desestruturação familiar. A resposta também varia consoante o familiar avaliado, onde irmãos, avós e tias podem servir de fonte de apoio e ajuda na divulgação aos pais.

Os artigos analisados versam apenas a percepção dos homossexuais, expondo só a sua verdade e não o experimentado por aqueles que recebem a “notícia”, que poderia ser interessante para utilizar, quer como termo comparativo, quer como análise. Além disso, estão muito centrados na fase da adolescência, negligenciando idades em que os fatores socioculturais possam exercer mais pressão. Por outro lado, as dimensões das amostras não permitiram testar a potencial influência das diferenças demográficas, tais como idade, raça/etnia, religião e região geográfica, no impacto causado pelo *coming out* na família.

Estes estudos oferecem a visibilidade do fenómeno que o impacto do *coming out* tem nas relações familiares, de onde se salienta um facto curioso e determinante para os autores deste trabalho: a atitude discriminatória por parte dos profissionais de saúde, versada pelos indivíduos, ainda que não tenham sido definidos quais profissionais.

Sabendo-se da reação negativa dos pais ao processo de revelação, é primordial que se formem os profissionais de saúde, nomeadamente os Enfermeiros de Família, que são os que mais próximos estão de cada um dos indivíduos, para a criação de ambientes de apoio e acolhimento, prevenindo comportamentos de saúde perigosos, violência familiar e reduzindo o impacto negativo das respostas, na saúde mental, psicológica e sociológica dos indivíduos. Além disso, estes profissionais devem promover os ensinamentos aos pais sobre o comportamento sexual dos seus filhos, desmistificando a heteronormatividade, e

promovendo a partilha de informações que melhorem as atitudes e os comportamentos com os seus filhos.

Conclui-se também, que se realizaram muitos poucos estudos nesta área, ainda que seja, cada vez mais, defendida a importância que a família e os seus comportamentos têm na saúde de cada um dos seus membros. Mais estudos poderão ajudar a aperfeiçoar programas que permitam, não só prevenir doenças sexualmente transmissíveis, mais recorrentes nos homossexuais, mas também sensibilizar os pais para esta realidade, com consequente diminuição de situações de violência familiares. Urge a formação nas escolas e o abandono de práticas escolares e sociais heteronormativas, para diminuir a discriminação destes grupos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arán, M., & Corrêa, M. V. (2004). Sexualidade e Política na Cultura Contemporânea: o Reconhecimento Social e Jurídico do Casal Homossexual. *PHYSIS: Revista Saúde Coletiva*, 14(2), 329-341. <https://www.scielo.br/pdf/physis/v14n2/v14n2a08.pdf>
- Braga, I. F., Oliveira, W. A., Silva, J. L., Mello, F. C. M., & Silva, M. A. I. (2018). Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(Suppl. 3), 1220-1227. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Brandão, A. M. (2000). Sexualidades e identidades: reflexões em torno de algumas questões de carácter epistemológico. *IV Congresso Português de Sociologia*. <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/7989/1/Sexualidades%20e%20Identidades.pdf>
- Carrilho, M. J. (2015). Crianças e adolescentes em Portugal. In Instituto Nacional de Estatística (Ed.) *Revista de Estudos Demográficos* 55, 53-117 https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=224830908&PUBLICACOESmodo=2&xlang=pt

- Cascais, A. F. (2017). Hermafroditismo e intersexualidade na fotografia médica portuguesa. *Comunicação e Sociedade*, 32, 59–79. [https://doi.org/10.17231/comsoc.32\(2017\).2751](https://doi.org/10.17231/comsoc.32(2017).2751)
- Cianciotto, J., & Cahill, S. (2003). *Education policy: Issues affecting lesbian, gay, bisexual, and transgender youth*. The National Gay and Lesbian Task Force Policy Institute.
- Corrigan, P. W., & Matthews, A. K. (2003). Stigma and disclosure: Implications for coming out of the closet. *Journal of Mental Health*, 12(3), 235-248. <http://www.brown.uk.com/stigma/corrigan2.pdf>
- Costa, C. B., Machado, M. R., & Wagner, M. F. (2015). Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. *Temas em Psicologia*, 23(3), 777-788. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-20>
- Costa, C. G., Pereira, M., Oliveira, J. M., & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (Ed.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* 93-147. http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF2/0892_ESTUDO_ORIENTACAOSEXUAL_IDENTID.pdf
- Faro, J. P. (2015). Uma nota sobre a homossexualidade na história. *Revista Subjetividades*, 15(1), 124-129. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692015000100014&lng=pt&tlng=pt
- Feinstein, B. A., Thomann, M., Coventry, R., Macapagal, K., Mustanski, B., & Newcomb, M. E. (2018). Gay and Bisexual Adolescent Boys' Perspectives on Parent-Adolescent Relationships and Parenting Practices Related to Teen Sex and Dating. *Archives of sexual behavior*, 47(6), 1825–1837. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1057-7>
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 1 (XXVI), 25-45. <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v26n1/v26n1a03.pdf>
- Grafsky, E. L., Hickey, K., Nguyen, H. N., & Wall, J. D. (2018). Youth Disclosure of Sexual Orientation to Siblings and Extended Family. *Family Relations*, 67(1), 147-160. <https://doi.org/10.1111/fare.12299>
- Gonçalves, A. O. (2019). Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay.” *Religião & Sociedade*, 39(2), 175–199. <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2cap07>
- Hernández, L. O., & Torres, M. I. G. (2005). Efectos de la violencia y la discriminación en la salud mental de bisexuales, lesbianas y homosexuales de la Ciudad de México. *Cadernos de Saúde Pública*, 21(3), 913-925. <https://www.scielo.br/pdf/csp/v21n3/26.pdf>
- Katz-Wise, S. L., Rosario, M., & Tsappis, M. (2016). LGBT Youth and Family Acceptance. *Pediatr Clin North Am. Author manuscript*, 63(6), 1011-1025. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5127283/>
- Nascimento, G. C. M., & Comin, F. S. (2018). A Revelação da Homossexualidade na Família: Revisão Integrativa da Literatura Científica. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1527-1541. <https://www.scielo.br/pdf/tpsy/v26n3/2358-1883-tpsy-26-03-1527.pdf>
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação Sexual e Identidade de Género na psicologia: Notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira, J. Oliveira (organ.), M. Almeida, C. Costa, L. Rodrigues & M. Pereira, *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-44). Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF2/0892_ESTUDO_ORIENTACAOSEXUAL_IDENTID.pdf
- Patias, N. D., & Hohendorff, J. V. (2019). Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. *Psicologia em Estudo*, 24(e43536), 2-14. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v24i0.43536>
- Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. S. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 19(1), 67-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>
- Poeschl, G., Venâncio, J., & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, 26(1), 33-53. http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&tlng=pt
- Rodríguez-Bustamante, P., Mayorquin-Muñoz, C. J., Báez-Hernández, F. J., Nava-Navarro, V., & Rico-Pérez, E. (2019). Respuesta familiar ante la revelación de la orientación sexual, desde el discurso de hombres homosexuales. *Enfermería Universitaria*, 16(3).

<https://doi.org/10.22201/eneo.23958421e.2019.3.690>

Rojas, E. B. (2019). Heteronormatividade escolar em México: Reflexões acerca de la vigilância e castigo de la homossexualidade na escola. *Sexualidad, Salud Y Sociedad (Rio de Janeiro)*, 33, 180–199. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.33.10.a>

Sanches, I. R., Pelissoli, M. S., Lomando, E. M., & Levandowski, D. C. (2017). Rede de apoio social de famílias homoafetivas formadas por mulheres. *Gerias: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 10(2), 176-193. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-82202017000200004&lng=pt&tlng=pt

Short, E., Riggs, D. W., Perlesz, A., Brown, R., & Kane, G. (2007). *Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender (LGBT) Parented Families*. The Australian Psychological Society Ltd.

Toledo, E. T. de, & Vimieiro, A. C. (2018). A Vida Sexual, de Egas Moniz: eugenia, psicanálise e a patologização do corpo sexuado feminino. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 25(suppl 1), 69–86. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702018000300005>